

## COMO O BRASILEIRO ACHA QUE FALA?

## DESAFIOS E PROPOSTAS PARA A CARACTERIZAÇÃO DO “PORTUGUÊS BRASILEIRO”

Raquel Meister Ko. Freitag  
Cristine Gösrki Severo  
Cláudia Andrea Rost-Snichelotto  
Maria Alice Tavares

**RESUMEN.** El campo de las actitudes lingüísticas, aún latente en Brasil, se adentra en los dominios del modo por el cual las actitudes y los juicios lingüísticos afectan al proceso de constitución de la identidad por medio de la lengua y del discurso. Los fenómenos variables no son igualmente sensibles a las mismas evaluaciones en todas las regiones en Brasil; esa variación en las evaluaciones produce efectos sobre el modo como asumen y reconocen los agentes ciertos usos lingüísticos, como marcas de identidad regional propias. Presentamos propuestas de investigación acerca de la estratificación lingüística del portugués de Brasil en portugueses regionales, considerando evidencias del imaginario popular, como los chistes y la dialectología perceptual. Con estas propuestas, esperamos ampliar el poder aclaratorio de las investigaciones descriptivas de las variedades, agregando las actitudes y los juzgamientos lingüísticos que afectan al proceso de constitución de la identidad por medio de la lengua y del discurso.

*Palabras clave:* actitudes lingüísticas, percepción, chistes.

**ABSTRACT.** The fieldwork of linguistic attitudes is still emergent and it refers to the manner how linguistic attitudes and judgments affect the process of identity by language and by discourse. The variable phenomena are not equally affected by the same evaluations in all regions from Brazil. This variation affects the manner how the subjects recognize and take on certain linguistic usages as their regional identity markers. In this paper, we discuss proposals to approach the sociolinguistic variation of Brazilian Portuguese into “regional Portuguese”, considering evidences from people is imaginary, such as jokes and perceptual dialectology. With these proposals, we aim to expand the explanatory power of descriptive approaches that affect the process of identity by language and discourse.

*Keywords:* linguistic attitudes, perception, jokes.

**RESUMO.** O campo das atitudes linguísticas, ainda latente no Brasil, adentra nos domínios da maneira pela qual as atitudes e os julgamentos linguísticos afetam o processo de constituição da identidade pela língua e pelo discurso. Os fenómenos variáveis não são igualmente sensíveis às mesmas avaliações em todas regiões no Brasil; essa variação nas avaliações produz efeitos sobre a maneira como os sujeitos assumem e reconhecem certos usos linguísticos como marcas de sua identidade regional. Apresentamos propostas de investigação acerca da estratificação linguística do português brasileiro em portugueses regionais, considerando evidências

*Signo y Señá*, número 28, diciembre de 2015, pp. 65-87

Facultad de Filosofía y Letras (UBA)

<http://revistas.filo.uba.ar/index.php/sys/index>

ISSN 2314-2189



do imaginário popular, como as piadas e a dialetologia perceptual. Com estas propostas, esperamos ampliar o poder explanatório das investigações descritivas das variedades, incorporando as atitudes e os julgamentos linguísticos que afetam o processo de constituição da identidade pela língua e pelo discurso.

*Palavras-chave:* atitudes linguísticas, percepção, piadas.

**1. INTRODUÇÃO.** As atitudes e os julgamentos linguísticos afetam o processo de constituição da identidade pela língua e pelo discurso e os fenômenos variáveis não são igualmente sensíveis às mesmas avaliações em todas as regiões no Brasil; essa variação nas avaliações produz efeitos sobre a maneira como os sujeitos assumem e reconhecem certos usos linguísticos como marcas de sua identidade regional.

As variações regionais são delimitadas não apenas pelas regularidades de usos linguísticos, mas também pela maneira como as pessoas avaliam tais usos e os efeitos dessas avaliações no seu comportamento linguístico. Há diferentes abordagens para a mensuração no bojo da Sociolinguística Variacionista, como os protocolos de *self report test*, *family background test*, ou, ainda, *matched guise test* (Labov 2001). Em um país de dimensões continentais como o Brasil, que em função de uma forte política linguística que remonta ao período colonial, é visto por seus falantes como uniforme e monolíngue, é preciso pensar em estratégias para captar as nuances de variação não só no nível descritivo —o que tem sido tarefa da Sociolinguística Variacionista— mas também no nível perceptual.

Neste texto, discutimos o mito do “português brasileiro” como língua uniforme e homogênea, apresentando evidências de estudos descritivos, para pontuar uma proposta de identificar nuances de atitudes a partir da perspectiva perceptual. Lançamos mão do recurso das piadas regionais baseadas em traços sociolinguísticos alçados ao status de estereótipo, e cotejamos a proposta com a abordagem da dialetologia perceptual. A combinação de metodologias permite uma visão mais ampliada dos resultados descritivos de variedades, incorporando as atitudes e os julgamentos linguísticos que afetam o processo de constituição da identidade pela língua e pelo discurso.

**2. O MITO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO.** Resultado de ações de planificação linguística que remontam ao período pombalino, o brasileiro acredita que o Brasil é um país monolíngue, onde todos falam o português (Severo 2013, 2015). A Linguística —especialmente as correntes sociolinguísticas e dia-

letológicas— vem desfazendo este mito, com a realização de investigações que mostram uma realidade plurilíngue e diversificada. No entanto, cria-se outro mito, o do “Português Brasileiro”. Afinal, o que é o “Português Brasileiro”? O grupo de trabalho de Sociolinguística da ANPOLL organizou duas coletâneas de trabalhos desenvolvidos sob a égide de “Português Brasileiro” (Roncarati e Abraçado 2003, 2008), centradas em aspectos descritivos relacionados à variação linguística, contatos e a história; no entanto, estes traços, por si só, não são suficientes para respaldar uma distinção de variedade. Do ponto de vista gramatical, no que se difere o falar do sulista em relação ao do nordestino? O que diferencia o falar de um norte rio-grandense do de um catarinense? O que diferencia o falar sergipano do falar norte rio-grandense? Ou o que diferencia o falar de um chapecoense do de um florianopolitano?

Algumas destas questões podem ser respondidas pelos resultados de estudos sociolinguísticos em amostras sincrônicas. Na região Sul do Brasil, o projeto Variação Linguística Urbana da Região Sul do Brasil, VAR-SUL, em sua abordagem de registro e descrição linguísticos tem subsidiado contribuições para caracterizar cada uma destas variedades<sup>1</sup>. Estudos contrastivos de fenômenos de natureza morfossintática e semântico-pragmática têm apontado indícios de variação regional, como:

- a) *quer dizer* marcador reparador (Dal Mago 2001), o uso do item é mais recorrente em Chapecó do que em Florianópolis;
- b) *bom* e *bem* marcador de prefaciação (Martins 2003), inibição de bom e favorecimento de bem na fala em ambas as comunidades;
- c) variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular *teu/seu* (Arduin 2005), apenas uma ocorrência de *teu/você* em Chapecó;
- d) variação no uso das preposições (*a/para/em*) no complemento locativo do verbo *ir* de movimento (Wiedemer 2008), indícios de mudança em andamento com recuo gradativo da preposição *a* em Florianópolis e Chapecó;
- e) marcadores discursivos *olha* e *vê* (e suas variações) (Rost-Snichelotto 2009), *olha* encontra o maior campo de atuação em Chapecó, ao passo que *vê* é mais usado em Florianópolis.

1 Detalhes da constituição das amostras do VARSUL podem ser conferidos em Vandresen (2005) e Collichonn e Monaretto (2012), entre outros.

Ampliando o contraste, o cotejando de resultados na base do VARSUL com resultados de outras variedades, também focando fenômenos de natureza morfossintática e semântico-pragmática, aponta indícios da variação e estabilidade:

- a) marcadores discursivos de base interacional Freitag (2008), comparando resultados da amostra de Florianópolis do VARSUL com resultados de uma amostra piloto aos mesmos moldes coletada em Itabaiana/SE (que deu origem ao banco Falares Sergipanos)<sup>2</sup>, constatou-se que marcadores discursivos interacionais são suscetíveis ao contexto sociolinguístico, com a identificação de marcadores como *pronto, repare, espia*, etc. em Itabaiana/SE e *entendesse, não tem?*, etc. em Florianópolis/SC;
- b) passado imperfeito (Freitag 2011), ainda comparando resultados da amostra Florianópolis do VARSUL com resultados da amostra Itabaiana/SE do banco Falares Sergipanos, observou-se a estabilidade do fenômeno, motivado por fatores internos que tiveram o mesmo comportamento.

Tavares (2008) contrastou resultados referentes à fala de Natal e à fala de Florianópolis quanto à influência das variáveis sociais idade e nível de escolaridade sobre o uso dos conectores *e, aí, daí* e *então*, variantes de realização da função gramatical de sequenciação retroativo-propulsora de informações. Como principais resultados deste estudo, apontamos que a distribuição social dos conectores coordenativos *e, aí* e *então* em Natal e em Florianópolis revela muitas semelhanças, dentre as quais salientamos as seguintes:

- a) *e* destaca-se na fala de indivíduos com mais de 50 anos e de maior tempo de escolarização;
- b) *aí* é favorecido na fala de indivíduos de baixa escolaridade;
- c) *então* predomina na fala de indivíduos com mais de 25 anos e de maior escolarização.

2 Detalhes da constituição das amostras do banco de dados Falares Sergipanos, podem ser conferidos em Freitag, Martins e Tavares (2012), Freitag (2013) e Araujo, Santos e Freitag (2014), entre outros.

Também vieram à tona as seguintes diferenças entre as comunidades de fala em questão:

- a) em Natal, *e* recebe destaque na fala de indivíduos de todas as faixas etárias, mas, em Florianópolis, apenas na fala daqueles com mais de 50 anos;
- b) em Natal, *aí* aparece com mais frequência na fala de pessoas de 8 a 12 anos, ao passo que, em Florianópolis, aparece com mais frequência na fala de pessoas de 15 a 21 anos.

Contudo, a principal diferença entre Natal e Florianópolis é a utilização de *daí* como conector apenas nesta última comunidade de fala (e com frequência alta), não tendo sido encontrada nenhuma ocorrência desse conector na fala natalense. Tavares (2008) atribui esse resultado ao fato de que *daí* é, dentre os quatro conectores averiguados, o mais recente em língua portuguesa e, por conta disso, é possível que tenha sido mais difundido em algumas comunidades de fala brasileiras (caso de Florianópolis) do que em outras (caso de Natal). Testes de atitude linguística feitos em ambas as comunidades de fala (Tavares 2003, Silva 2013) revelaram que seus falantes têm uma percepção similar a respeito desse fenômeno variável, considerando os conectores *aí* (no caso de Natal e de Florianópolis) e *daí* (no caso de Florianópolis apenas, visto que esse conector é pouco utilizado em Natal) próprios para uso em contextos informais, mas inadequados para contextos mais formais, em contraponto aos conectores *e* e *então*, que podem, segundo os falantes que participaram dos testes de atitude, ser empregados em contextos em que maior formalidade é necessária.

Tais resultados corroboram a crença de que, no Brasil, de norte a sul, todos falam português —o tal “português brasileiro”—, todos se entendem, mas todos estabelecem um julgamento de pertença ou de diferença, que é indiciado pela distribuição de frequências. É o que chamamos em Sociolinguística de atitudes. Será que um norte-riograndense se identifica mais com o falar de um sergipano ou com o de um catarinense?

*Como ao contraste apenas as semelhanças são percebidas, tem-se a impressão de que o vão entre os dois falares é muito maior, embora os estudos empíricos provem o contrário. O que faz com que as diferenças se tornem tão discrepantes na perspectiva do falante-ouvinte? Que fatores —cognitivos ou identitários— fazem com que*

*traços linguísticos mínimos distanciem as variedades linguísticas faladas nas diferentes regiões do Brasil? Afinal, quem tem sotaque sempre é o outro...* (Freitag 2008, 30).

O campo da investigação das atitudes linguísticas ainda se encontra latente no Brasil (Aguilera 2008, Botassini 2009). Se num primeiro momento, o foco da sociolinguística brasileira foi a constituição de amostras linguísticas para a descrição, neste momento evidenciamos a necessidade de ampliação das investigações para além do nível descritivo da sociolinguística variacionista e da geolinguística, adentrando nos domínios da maneira pela qual as atitudes e os julgamentos linguísticos afetam o processo de constituição da identidade pela língua e pelo discurso. O problema da avaliação (Weinreich, Labov e Herzog 1968) se torna central para se averiguar como as variáveis linguísticas assumem significado identitário regional e como isto configura as estratificações regionais nas formas de português catarinense, português sergipano, rio-grandense, etc., ampliando a compreensão do que seria o português brasileiro. Parte-se, portanto, do princípio sociolinguístico de que “o nível da consciência social é uma propriedade importante da mudança linguística que tem que ser determinada diretamente” (Weinreich, Labov e Herzog 1968, 124). A avaliação da língua é determinante para a constituição da identidade linguística dos falantes e que tal valoração estratifica as variáveis linguísticas em três níveis de apreciação social: os estereótipos, fortemente sensíveis à avaliação social, os marcadores, razoavelmente sensíveis à avaliação, e os indicadores, com pouca força avaliativa (Labov 1972).

Evidentemente, as variáveis não são igualmente sensíveis às mesmas avaliações em todas as regiões no Brasil, e essa variação de avaliações produz efeitos sobre a maneira como os sujeitos assumem e reconhecem certos usos linguísticos como marcas de sua identidade regional (Severo 2007, 2011). É o caso do uso de construções do tipo “tu fosse” em Florianópolis (Severo 2004), ou a palatalização de oclusiva seguinte a *glide* em Sergipe (Freitag 2015) —embora seja rotulada de “africada baiana”—, ilustrativas de variação morfofonológica e sintática, que assumem um significado social identitário reconhecível pelos falantes. Daí presumirmos que “os portugueses brasileiros”, mais especificamente as variações regionais, são delimitados a partir não apenas das regularidades de usos linguísticos, mas também pela maneira como as pessoas avaliam tais usos e os efeitos dessas avaliações no seu comportamento linguístico. Com isso,

se, por um lado, Zilles e Faraco (2006) sugerem que a investigação das atitudes e valores acerca dos fenômenos linguísticos é urgente e necessária para o entendimento da norma culta, de forma a evitar tanto a expansão do normativismo (mídia), como o combate interminável (sem diálogo, por sinal) entre os linguistas e os normativistas, por outro lado, essa mesma investigação pode nos revelar informações sobre a estratificação linguística do português brasileiro em portugueses regionais: português florianopolitano, sergipano, natalense, chapecoense e a partir desse conhecimento podemos tentar definir com mais cuidado o que é o português brasileiro ou, melhor, os portugueses brasileiros.

**3. MENSURANDO AS ATITUDES.** Para mensurar atitudes linguísticas e efeitos da avaliação social da língua, na sociolinguística há protocolos, como *self report test*, no qual os indivíduos devem selecionar, dentre uma gama de variantes linguísticas, aquelas que se aproximam do uso habitual deles; tais sujeitos geralmente assumem utilizar as formas próximas às de prestígio reconhecido, *family background test*, que visa mensurar o quanto os indivíduos são capazes de identificar dialetos diferentes, ou, ainda, *matched guise test*, que visa identificar atitudes inconscientes dos sujeitos em relação à língua (Labov 2001).

No entanto, estudos que focam as atitudes linguísticas no Brasil ainda são escassos (Kaufmann 2011). Uma abordagem empírica da avaliação social pode ser encontrada em Cardoso (2015 [1989]), que, valendo-se dos protocolos *family background test* e *matched guise test*, observou as atitudes linguísticas de falantes aracaJuanos frente ao seu próprio falar e aos falares baiano, alagoano e carioca.

No entanto, há outras estratégias para desvelar atitudes linguísticas, como o repertório do imaginário (piadas) e a metodologia da dialetologia perceptual.

**3.1. PIADAS.** No repertório do imaginário, as piadas se manifestam como uma fonte de evidências indireta das atitudes e das ideologias associadas às diferentes variedades de uma língua.

*As piadas são [...] quase sempre veículo de um discurso proibido, subterrâneo, não oficial, que não se manifestaria, talvez, através de outras formas de coleta de dados, como entrevistas. Outra face da mesma característica é que as piadas veiculam discursos não explicitados correntemente (ou, pelo menos, pouco oficiais) (Possenti 1998, 26).*

Do ponto de vista sociolinguístico, as piadas lidam com a ambiguidade, explorando casos de variação no sistema, mas também refletem a percepção inconsciente de traços linguísticos do sistema que são constitutivos de um significado regional identitário. Além disso, a articulação com outros traços constitutivos da piada pode indiciar a força avaliativa de tais significados (estereótipos, marcadores ou indicadores). Se por um lado, é eticamente condenável que as piadas se valham do preconceito social (Gorski e Freitag 2013), por outro lado, é mesmo este preconceito que permite desvelar a percepção acerca de uma dada variedade da língua, especificamente com a explicitação dos traços linguísticos que supostamente caracterizam o grupo social (variedade dialetal) alvo da piada.

(1) *Piada 1: Tipos de assaltantes*

*Assaltante paraibano*

Ei, bichim... Isso é um assalto... Arriba os braços e num se bula, num se cague e num faça munganga... Arrebola o dinheiro no mato e não faça pantim, se não enfio a peixeira no teu bucho e boto teu fato pra fora... Perdão meu Padim Ciço, mas é que eu tô com uma fome da moléstia.

*Assaltante baiano*

Ô meu rei... (pausa). Isso é um assalto... (longa pausa). Levanta os braços, mas não se avexe não... (outra pausa). Se num quiser nem precisa levantar, pra num ficar cansado... Vai passando a grana, bem devagarinho(pausa pra pausa). Num repara se o berro está sem bala, mas é pra não ficar muito pesado. Não esquenta, meu irmãozinho (pausa). Vou deixar teus documentos na encruzilhada.

*Assaltante mineiro*

Ô só, prestação... isso é um assalto, uai. Levanta os braço e fica quetin quêsse trem na minha mão tá cheio de bala... Mió passá logo os trocados que eu num tô bão hoje. Vai andando, uai! Tá esperando o quê, uai!

*Assaltante carioca*

Seguiiiinte, bicho... Tu te ferrou, mermão. Isso é um assalto. Perdeu, perdeu! Passa a grana e levanta os braços, rapá. Não fica de bobeira que eu atiro bem pra caralho... Vai andando e se olhar pra traz vira presunto.

*Assaltante paulista*

Órra, meu... Isso é um assalto, mano. Levanta os braços, mano... Passa a grana logo, mano. Mais rápido, meu, que eu ainda preciso pegar a bilheteria aberta pá comprar o ingresso do jogo do Curintia, mano... Pô, se manda, mano...

*Assaltante gaúcho*

O guri, ficas atento... Bah, isso é um assalto. Levanta os braços e te aquieta, tchê! Não tentes nada e cuidado que esse facão corta uma barbaridade, tchê. Passa os pilas prá cá! E te manda a la cria, senão o quarenta e quatro fala.

*Assaltante em Brasília*

Querido povo brasileiro, estou aqui no horário nobre da TV para dizer que no final do mês, aumentaremos as seguintes tarifas: energia, água, esgoto, gás, passagem de ônibus, imposto de renda, licenciamento de veículos, seguro obrigatório, gasolina, álcool, IPTU,

IPVA, PI, ICMS, PIS, COFINS, etc... etc... Mas não se preocupem: seremos HEXACAMPEÕES.

(<http://www.piadas.com.br/piadas/ladros/tipos-assaltantes>)

O primeiro ponto a ser considerado é que piadas são textos de ficção. O componente linguístico é mais um traço a serviço da caracterização das personagens. No caso da piada 1, as personagens são os diferentes tipos de assaltantes nas diferentes regiões do Brasil. Em todas as caracterizações de assaltantes, o fato narrado na piada é o mesmo, o contexto do assalto. O que gera o riso é o estereótipo do assaltante de cada uma das regiões, a partir do estereótipo de que baiano é lento, paulista é apressado, mineiro é esperto, carioca é malandro, entre outros tantos). A construção da estereotipia dos grupos sociais perpassa o processo sócio-histórico-econômico da formação da sociedade brasileira, no liame entre o mito e a identidade. Estereótipos, ao serem parte de representações sociais mais amplas, não são uma generalização absoluta, no entanto, podem dar pistas acerca de percepções e atitudes.

Cotejando a percepção de universitários de diferentes regiões do Brasil, Arruda et al. (2008) identificam um desenho dos brasileiros e dos “Brasis” como um campo estruturado de significações que expressam diversidades, contrastes e desigualdades, com uma divisão étnica, socioeconômica, física e temperamental. Tais significações se fazem presentes nas piadas e, para caracterizar a personagem, são selecionados traços linguísticos da fala perpassados à escrita.

*“Sangue quente”, “cabra da peste”, “arretado” foram privilégio dos nordestinos, com destaque para os paraibanos (Arruda et al. 2008, 508), assim como “pobre”, “miserável”, “excluído”, qualificam os representantes do Norte e Nordeste: cearenses, acreanos, piauienses, amazonenses, maranhenses e paraibanos (Arruda et al. 2008, 507).*

Na piada 1, o assaltante paraibano reflete tais características temperamentais, ao ameaçar o assaltado de ter a peixeira enfiada no bucho e os fatos para fora, assim como suas características socioeconômicas, ao final, com a declaração de está passando fome, o que motivaria o assalto. Do ponto de vista linguístico, a caracterização é feita por meio de expressões regionais, presentes em dicionários de falares regionais, como “bichim” e “mungunga”, que, no entanto, não são específicas do falar paraibano, mas da região nordeste como um todo.

O assaltante baiano, linguisticamente, é caracterizado pela expressão “ô meu rei”, um vocativo gentil característico de uma parte da Bahia,

mais especificamente a região nordeste do estado, incluindo sua capital, Salvador. “A tranquilidade (que pode aparecer como lerdeza) caracteriza mais fortemente o mineiro e baiano (ambos em torno de 20%): *na sua, calmo*” (Arruda et al. 2008, 508).

Para o baiano, a lerdeza é marcada linguisticamente com o traço suprasegmental da pausa; na memória social, o baiano é caracterizado com lento, e a pausa da pausa da pausa permite a expansão semântica da noção de lentidão para preguiça. No entanto,

*O julgamento positivo ou negativo das naturalidades depende do lugar de onde o sujeito fala, ou seja, do seu grupo. Assim, a lentidão é vista positivamente pelos próprios baianos e negativamente pelos de outros estados. Os sujeitos de São Paulo foram os únicos que se auto-atribuíram qualificativos como estressados e muito apressados. Observamos aí jogos identitários e de alteridades na oposição rápido/lento* (Arruda et al. 2008, 509).

O assaltante mineiro é caracterizado pela expressão “uai” e pela representação na escrita dos processos de haplologia, um processo fonológico caracterizado pela síncope de sílabas, o que encontra respaldo em estudos descritivos, embora específicos para uma variedade ou circunscritos a uma região do estado de Minas Gerais (Mendes 2009, Oliveira 2012). O assaltante paulista (na verdade, paulistano), apressado e torcedor do Corinthians (“Curintia”), é caracterizado pelas gírias como “ôrra, meu”, “mano”, e o carioca, malandro, por “mermão” e pelo uso de “tu” na segunda pessoa (Paredes-Silva 2003). O gaúcho, além das expressões “bah” e “tchê”, por sua vez, é caracterizado pela flexão de 2ª pessoa no verbo (“ficas”).

A percepção do contraste de variedades fica mais evidente na piada 2, em que as personagens são carioca, paulista e baiano. As expressões lexicais atribuídas aos grupos regionais ajudam a caracterizar as personagens, “mermão”, carioca, “ô loco”, paulista, e “meu rei”, baiano.

(2) *Piada 2: Jesus no bar*

Estavam um carioca, um paulista e um baiano no boteco do Mercado Modelo, quando o carioca diz aos outros:

—Mermão, esse cara que entrou aí é igual a Jesus Cristo.

—Tás brincando! –dizem os outros.

—Tô te falando! A barba, a túnica, o olhar...

O carioca levanta-se, dirige-se ao homem e pergunta:

—Mermão, digo, Senhor, tu é Jesus Cristo, não é verdade?

—Eu? Que idéia!

—Eu acho que sim. Aí, tu é Jesus Cristo!

—Já disse que não! Mas fale mais baixo.

—Pô, eu sei que tu é Jesus Cristo.

E tanto insiste, que o homem lhe diz baixinho:

—Sou efetivamente Jesus Cristo, mas fale baixo e não diga a ninguém, senão isto aqui vira um pandemônio.

—Mas eu tenho uma lesão no joelho desde pequeno. Me cura aí, brother, digo, Senhor!

—Milagres não, pelo amor de Papai. Tu vais contar aos teus amigos, e eu passo a tarde fazendo milagres.

O carioca tanto insiste, que Jesus Cristo põe a mão sobre o joelho dele e o cura.

—Valeu, viu! Ficarei eternamente grato!

—Sim, sim, mas não grite! Vá embora e não conte a ninguém.

Logo em seguida chega o paulista.

—Aí, ô meu! O meu amigo disse-me que és Jesus Cristo, e que o curaste. Tenho um olho de vidro, cura-me também!

—Não sou Jesus Cristo! Mas fale baixo.

O paulista tanto insistiu, que Jesus Cristo passou-lhe a mão pelos olhos e curou-o.

—Ô lóco, meu! Obrigado mesmo!

—Agora vá embora e não conte a ninguém.

Mas Jesus Cristo bem o viu contando a história aos outros dois, e ficou à espera de ver o baiano ir ter com ele. O tempo foi passando, e nada. Mordido pela curiosidade, dirigiu-se à mesa dos três amigos, e pondo a mão sobre o ombro do baiano, perguntou:

—E tu, não queres que...

O baiano levanta-se de um salto, afastando-se dele:

—Aê, meu rei! Tira as mãozinhas de mim, que eu ainda tenho seis meses de licença médica!

(<http://www.osvigaristas.com.br/piadas/jesus-no-bar-12401.html>)

Nem todos os grupos regionais são reconhecidos por sua linguagem particularizada, o seu falar típico. O estudo de Arruda et al. (2008) identificou que os estados mais associados a esse traço, como “oxente”, “sotaque puxado”, “tchê”, foram Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Rio de Janeiro, o que explica por que são grupos mais salientes para as piadas.

### (3) *Piadas de baianos*

#### *Piada 3.1: Taturana baiana*

O baiano deitadão na varanda:

—Ô mãinha, ôxente, temos aí pomada, pra queimadura, de taturana?

—Por que meu dengo? Uma taturana encostô em ti, foi?

—Foi não, mas, tá chegando perto...

#### *Piada 3.2: Baiano desconfiado*

Dois baianos estavam andando na floresta quando um deles pega o facão e vapt, corta a cabeça de uma lesma. O outro pergunta:

—Ô meu rei, por que você cortou a cabeça da bichinha, hein?

Ele respondeu:

—Percebeu não, foi? Ela tava seguindo a gente tem mais de duas horas...

#### *Piada 3.3: Encomenda*

A mãe do baiano vai viajar pro exterior, e pergunta ao filho:

—Quer que mãinha lhe traga alguma coisa da viagem, meu dengo?

—Ô, minha mãe. Por favor, me traga um relógio que diz as horas.

—Ué, meu cheiro. E o seu não diz não?

—Diz não, mãinha. Eu tenho de olhar nele pra saber.

(<http://www.piadascurtas.com.br/piadas-de-baianos/>)

Em piadas centradas em um único grupo social (ou variedade dialetal), é possível identificar traços gramaticais mais específicos que, no repertório imaginário, caracterizariam o falar. Nas piadas 3.1-3.3, o marcador “foi?” e a negação posposta ao verbo são associados ao falar baiano, embora estudos descritivos relacionem essas características gramaticais a diferentes variedades da região nordeste do Brasil. Por exemplo, o excerto de fala da amostra do projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba:

*E\* Aí, você vai pra casa da sua mãe, é?*

*I\* É. Aí quando é no out0o dia, ele di0: “Fia, cadê Deisinha?”, ela di0 assim: “Tu num já arengasse cum ela. Num mandasse ela ir - se embora!”, ele: “Eu mandei!?”, ela diz: “Mandou sim, que eu vi aqui” (Silva e Santos 2015, 260).*

O mesmo marcador, a interrogação ao final da pergunta (ou perguntas-tag), como em “Uma tatutana encostou em ti, foi?”, “Percebeu não, foi? , está presente amostra de fala autêntica de um falante da Paraíba, o que evidencia que o traço é recorrente a uma região dialetal muito maior do que a fronteira geopolítica que caracteriza o grupo nas piadas 3.1-3.3.

Para caracterizar a personagem, são utilizadas expressões vocativas associadas a um falar baiano, como “ô mãinha”, “ô minha mãe”, “meu dengo”, “meu rei”, “meu cheiro”. No nível sintático, destaque-se o uso da posposição da negação, como “foi não”, “percebeu não”, “diz não” e o uso da forma imperativa para um ato de fala não declarativo, como em “traga”. No entanto, estes traços são associados ao falar da região nordeste como um todo, não algo particularizado do falar da Bahia (Gorski e Coelho 2010, 77).

#### (4) *Piada 4: Mineirinho na praia*

Um mineirim tava no Ridijaneiro, bismado cas praia, pé discaço, sem camisa, caquele carção samba canção, sem cueca pur dibacho.

Os cariocas zombano, contano piada de mineiro. Alheio a tudo, o mineirim olhou pro marzão e num se güentô: correu a toda velocidade e deu um mergúio, deu cambaióta, pegô jacaré e tudo mais.

Quando saiu, o carção de tecido finim tava transparente e grudadim na pele. Tudumundo na praia tava oiano pro tamanho do “amigão” que o mineirim tinha. O bicho ia até pertim

do juêio... A turma nunca tinha visto coisa igual. As muié cum sorrisão, os homi roxo dinveja, só tinham olhos pro bicho.

O mineirim intão percebeu a situação, ficou todo envergonhado e gritou:

—Qui qui foi, uai? Seus bobãum... vão dizê qui quando oceis pula na água fria, o pintim doceis num incói tamém?

(<http://www.osvigaristas.com.br/piadas/mineirinho-na-praia-6766.html>)

Minas Gerais, assim como Bahia, são estados com grande extensão territorial e diversidade de formação sociodemográfica, o que explica as percepções diversificadas acerca dos grupos (Conde 2007, Reis 2012). Ao mesmo tempo que a “cultura do interior” é relacionada ao mineiro, também o é a categoria “malandro”, mas, enquanto para o carioca o malandro é mais visto em termos clássicos (Schwarcz 1995), “o mineiro é visto mais com o sonso, sorrateiro ou silencioso” (Arruda et al. 2008, 508). Esta dualidade se reflete na piada 4. Do ponto de vista linguístico, na piada a fala mineira é caracterizada ortograficamente pelas haplologias, o que encontra respaldo em estudos descritivos, embora específicos para uma variedade ou circunscritos a uma região do estado de Minas Gerais (Mendes 2009, Oliveira 2012). No entanto, há outros fenômenos linguísticos marcados ortograficamente na piada que não são exclusividade do falar mineiro, como a redução nos gerúndios (“contano”), o rotacismo (“carção”), vocalização (“muié), a concordância com marcas não explícitas (“as muié”), a queda de segmento final em infinitivos (“dizê”). Estes fenômenos são regulares e recorrentes, inclusive na fala de pessoas mais escolarizadas, como é o caso da queda do segmento final dos infinitivos. Na piada, no entanto, este recurso é utilizado ortograficamente para reforçar a cultura do interior, caipira, também associada ao mineiro (Conde 2007, Reis 2012).

Nas piadas 5.1-5.2, a fala carioca é marcada ortograficamente por recursos que tentam expressar o traço africado (chiente) que caracteriza o /S/ na posição de coda (Brandão 2009), assim como o “tu”, um traço forte associado ao carioca (falar chiando).

(5) *Piadas de cariocas*

*Piada 5.1: Nove em cada dez*

Um cara com um jornal no numa praça no Rio de Janeiro, lendo uma matéria, fala pro outro que está no mesmo banco:

—Rapá, nove em cada deixsh cariocaixsh já foram assaltadoxsh, eu sou esse que não foi.

E o outro, com o “bérro na mão”:

—Eraixsh mermão, eraixsh.

(<http://www.osvigaristas.com.br/piadas/pagina240.html>)

*Piada 5.2: O gênio da lâmpada*

Um carioca e um paulista estão andando pela praia quando encontram uma lâmpada mágica. De dentro dela surge um gênio que promete realizar um desejo de cada.

E o carioca:

—Quero que o Rio de Janeiro seja cechcado por muralhax como ax da China, para evitar a entrada dox paulixtaix.

Plim!

—Prontinho, o seu desejo já está realizado.

E o paulista:

—Gênio, esses muros são resistentes?

—Muito! Nada poderá derrubá-los!

—E são bem altos?

—Mais altos que o Cristo Redentor!

—Então, enche d'água.

(<http://humorpaulista.spaceblog.com.br/441793/Piadas-de-Cariocas/>)

*Piada 5.3: O baiano e o carioca*

Era uma vez um baiano e um carioca que dividiam juntos um quarto numa pensão. O carioca vivia tirando sarro do baiano, chamando-o de “cabeça chata”, “paraíba”, etc. Um dia o baiano resolveu fazer uma brincadeira com o carioca. Quando ele estava dormindo, o baiano baixou as calças do carioca, colocou tripas de porco no bumbum dele e daí fechou. O baiano sai do quarto e, minutos depois, ouve um grito vindo do quarto e vai correndo ver o que é:

—Que é que foi, bichim?

—Brother, tu num vai acreditar! Minhax tripaix saíram pra fora enquanto eu tava dohmin-do.

—Num diga! E doeu muito?

—Colocar pra fora não doeu, o que doeu foi colocar tudo pra dentro de novo.

(<http://humorpaulista.spaceblog.com.br/441793/Piadas-de-Cariocas/>)

Além dos itens lexicais associados ao carioquês, como “mermão”, “rapá”, “brother” (Goslin 2009), os traços fonológicos são tão salientes como constitutivos da identidade da personagem carioca que motivam o emprego de recursos ortográficos ad hoc na tentativa de representá-los. É o caso da realização alveolopalatal do /S/ em coda, como em “dox paulixtaix”, “muralhax”, “minhax”, da realização alveolopalatal do /S/ em coda mais a ditongação, como em “eraixsh”, “deixsh cariocaixsh”, “tripaix” e a realização velar (ou percebida intuitivamente como aspirada) do /R/ em coda, como em “cechcado”, “dohmindoo” (Callou 2009).

(6) *Piadas de baianos e cariocas**Piada 6.1: Dois baianos na rede*

Dois baianos estirados nas redes estendidas na sala:

—Oxente, será que tá chovendo?

—Sei não, meu rei...

—Vai lá fora e dá uma olhada...

—Vai você...

—Vou não, tô cansadão...

—Então, chame nosso cão...

—Oxente, chame você...

—Ô Fernando Afonso!

(<http://www.sobobagem.com.br/shtml/611.shtml>)

*Piada 6.2: Dois cariocas estirados numas redes estendidas na sala*

O cachorro entra na sala, pára e deita de costas para os dois.

—E então, meu rei, tá chovendo?

—Tá não... O cão tá sequinho.

—Aí, brou, será que tá chovendo?

—Sei não, bródi.

—Vai lá fora e dá uma olhada.

—Vai você.

—Não vou não, tô cansadão.

—Então, chama nosso cachorro.

—Chama você.

—Ô Zé-Pequeno (nome do cachorro)!

O cachorro que também é carioca, entra na sala, pára e deita-se de costas para os dois.

—E então, brou, tá chovendo?

—Tá não. O cachorro tá sequinho.

(<http://humorpaulista.spaceblog.com.br/>)

*Piada 6.3: Baiano apertado*

Dois baianos conversam no bar:

—Meu rei, dá pra você me dizer se o meu zíper tá aberto?

—Oxente, mas por quê? Você vai querer que eu abra, é?

—Fale logo, rapaz... Tá aberto ou não tá?

—Tá não...

—Ah, então eu vou deixar pra mijar amanhã...

(<http://www.piadascurtas.com.br/piadas-de-baianos/>)

*Piada 6.4: O carioca apertado*

—Aí, brou, vê aí pra mim... A braguilha da minha calça tá abehta?

—Não, tá fechada.

—Então vou deixar pra fazer xixi amanhã.

(<http://humorpaulista.spaceblog.com.br/441793/Piadas-de-Cariocas/>)

O mesmo mote serve de base para múltiplas piadas, mudando apenas a personagem. Nos pares 6.1-6.2 e 6.3-6.4, os motes são os mesmos; a diferença se dá pela caracterização das personagens. Para tanto, são mobilizados recursos linguísticos que são associados à identidade/representação do grupo social em questão: baianos e cariocas. O baiano é caracterizado por expressões lexicais vocativas e interjetivas, como “oxente”, “meu rei”, a negação posposta “sei não”, “vou não” e o imperativo gramatical em atos de fala não declarativos, como “venha”, “fale”, “chame”, “vá”. Ainda que estes traços linguísticos não sejam exclusivos do falar da Bahia, como vimos, mas do Nordeste de um modo geral, o seu uso con-

trasta com a caracterização linguística do carioca, com os itens lexicais vocativos “brou”, “bródi”, a dupla negação, como em “não vou não” e a marca de indicativo em atos de fala não declarativos, como “chama”, “vai”, “vê”, também não exclusiva do carioca, mas do Sudeste (Gorski e Coelho 2010). Mas, diferentemente do baiano, o carioca é representado com um traço que apresenta certo grau de diatopicidade, como é a realização velar do /R/ em coda, como em “abehta”.

Em que pese o fato de a estereotipia ser “perigoso processo de simplificação da realidade, impedindo as reações individuais” (Preti 1983, 155), a simplificação, a rotulação, a classificação e a redução de objetos, pessoas e fatos mundanos tornaram-se lugar comum nos repetitivos hábitos humanos. Crenças e atitudes fazem parte do repertório linguístico do falante, e podemos captar, ainda que de modo indireto, via charges e piadas sobre esse tema.

**3.2. DIALETOLOGIA PERCEPTUAL.** Ao mapear os estereótipos, o estudo de Arruda et al. (2008) possibilita a composição da representação do próprio Brasil. Emergentes de um contexto histórico, político e informacional, somatório dos traços constitutivos das representações por si só não permite contemplar todo o campo, mas dá pistas de um papel organizador da representação, com hierarquização e estruturação das diferenças, identificando linhas limítrofes. Do ponto de vista linguístico, podemos traçar paralelo com a dialetologia perceptual.

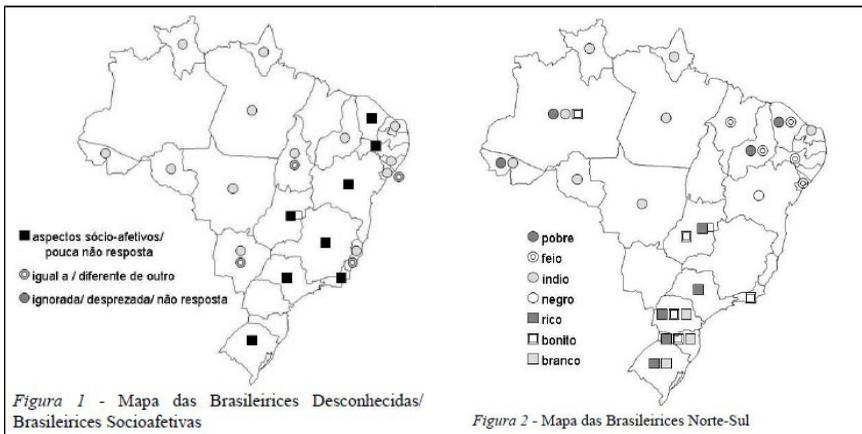


Figura 1 (1-2): Mapas dos estereótipos (Arruda et al. 2008).

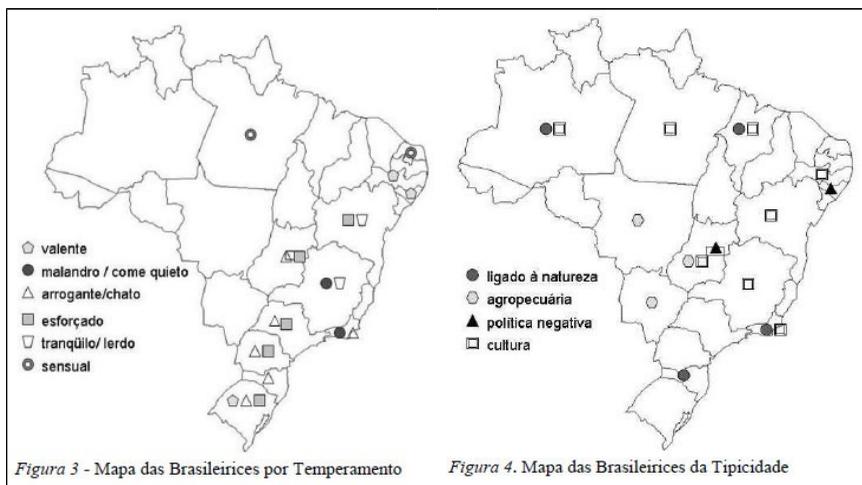


Figura 1 (3-4): Mapas dos estereótipos (Arruda et al. 2008).

A dialetologia perceptual alia a pesquisa atitudinal de tradição socio-linguística à percepção dialetal geograficamente situada da dialetologia. Os estudos nas coletâneas organizadas por Dennis Preston e Daniel Long (1999, 2002), além do trabalho de Bucholtz et al. (2007), ilustram essa perspectiva de trabalho, cuja metodologia envolve a demarcação dos limites que os falantes atribuem a dados dialetos, variedades, registros, etc., como podemos ver na figura 2, extraída de um estudo de Dennis Preston sobre a percepção das variedades pelos norte-americanos. Basicamente, o instrumento de coleta consiste em um mapa do escopo da língua com apenas os contornos políticos; o participante da investigação é convidado a desenhar os limites que ele julga que determinada variedade têm, como nesta ilustração da figura 2, de um estudo americano, onde o falar esquimó, do sul, britânico, etc., são demarcados.

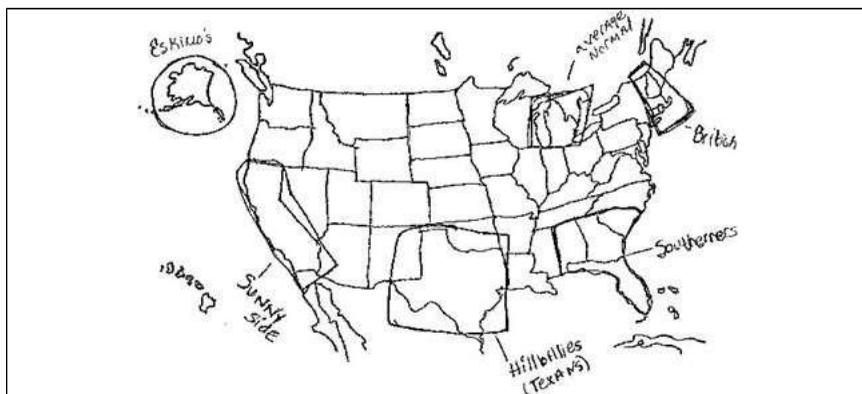


Figura 2: Mapa da percepção das variedades (Preston 1999).

Podemos perceber influência daquilo que a Dialectologia Perceptual toma como seu objeto na definição de falares proposta por Antenor Nascentes, no início do século passado: “Hoje que já realizei o meu ardente desejo de percorrer todo o Brasil, do Oiapoc ao Xuí, de Recife a Cuiabá, fiz nova divisão que não considero nem posso considerar definitiva, mas sim um tanto próxima da verdade” (Nascentes 1953, 24).



Figura 3: Mapa da definição de falares (Nascentes 1953).

Baseado em sua experiência, Nascentes estabeleceu alguns critérios de base fonológica, como as “a cadência e a existência de protônicas abertas em vocábulos que não sejam diminutivos nem advérbios em *mente*” (Nascentes 1953, 25).

Também ainda escassos no Brasil, este tipo de abordagem permite o desvelamento de evidências diatópicas e diatrásticas que constituem o imaginário do “português brasileiro” e suas variedades. Empregando esta metodologia, Rosa (2014), identificou correlações entre classe social e a percepção de subvariedades dentro da cidade de Porto Alegre/RS. Um es-

tudo localizado, como este, que contou com oito informantes, pode trazer contribuições para o dimensionamento de amostra de bancos de dados sociolinguísticos, visando garantir a maior representatividade da comunidade. Já uma abordagem em larga escala, correlacionando a percepção de subvariedades dialetais do Brasil, permite identificar fronteiras imaginárias dos falares, não necessariamente coincidente com as fronteiras geopolíticas.

**4. DESFAZENDO O MITO.** Para desfazer o mito do “português brasileiro” como língua uniforme, é necessário não só descrever as variedades, do ponto de vista constitutivo de sua gramática. É necessário, também, investigar em que nível da gramática —mais especificamente, que traços linguísticos que se configuram como variáveis— está baseado nosso julgamento de valor linguístico, que fomenta nossas atitudes.

Considerando o *know-how* já consolidado da Sociolinguística Variacionista no Brasil, seu empreendimento na constituição de bancos de dados em diferentes regiões do país, não só é desejável como é eticamente requerido que a orientação da investigação considere as contribuições desta linha, vindo a somar-se a ela, de modo a também ampliar seu poder explanatório. E, neste ponto, destacamos a importância dos bancos de dados sociolinguísticos. Constituir bancos de dados linguísticos, seja nos moldes variacionistas, geolinguísticos ou diacrônicos, costuma ser tarefa cara e dispendiosa, por isso, sua aplicação precisa ser otimizada, sendo utilizados para a pesquisa de diversos fenômenos de variação linguística, tanto na dimensão social como também na dimensão estilística.

À esteira dos estudos de 3ª onda da Sociolinguística (Eckert 2012) —que buscam identificar como os condicionamentos sociais impostos e as relações de poder atuam sobre as estruturas, retomando o significado social da variação, da estrutura para a prática— faz-se necessário dar continuidade à constituição de amostras de bancos de dados sociolinguísticos, visando: a) manter a série histórica, b) captar tendências amplas de variação/mudança, além de c) seguindo uma metodologia já convencionalizada e difundida, permitir a comparação de resultados, contribuindo para a descrição da norma linguística de modo mais abrangente. Para isso, é preciso, por um lado, incorporar de novas categorias sociodemográficas nas estratificações de bancos de dados sociolinguísticos e revisão das já existentes, como a distinção sexo/gênero (Freitag e Severo 2015); e, por outro, refinar o controle de aspectos textuais-interativos da entrevista so-

ciolinguística (Freitag 2014), tais como a recorrência de fenômeno quanto às sequências discursivas/tipos textuais, ou quanto ao tópico discursivo percorrido.

Amostras de bancos de dados sociolinguísticos podem subsidiar a análise da dialetologia perceptual, oferecendo dados linguísticos produzidos por falantes reais e socialmente estratificados, que são julgados por outros falantes, a fim de contribuir, por outra via, para a identificação de indicadores, marcadores e estereótipos. Por outro lado, as evidências advindas das crenças e atitudes do repertório do imaginário desvelam o discurso proibido, os valores associados aos traços linguísticos e o papel que desempenham na caracterização de grupos sociais.

Saber mais sobre as crenças e atitudes linguísticas —de modo científico, sistemático e comparável— pode contribuir não só para o conhecimento do que é, de fato, o “Português Brasileiro”, mas também subsidiar ações de planejamento linguístico de conscientização e respeito, bem como para as propostas de ensino português como língua materna ou como língua para estrangeiros, na medida que propicia o contato com valores associados à língua.

Levantamentos das avaliações sobre os usos linguísticos podem auxiliar em planejamentos de status quanto à reavaliação de estereótipos que caracterizam identidades locais e que sejam alvo de preconceito linguístico. O planejamento de status, como uma área da política linguística, pode subsidiar, por exemplo, políticas linguísticas educacionais em contextos locais, em que estão em circulação variedades distintas do português no Brasil.

Não há ainda estudos específicos, focados no contraste de variedades, que investiguem em que nível da gramática —mais especificamente, que traços linguísticos que se configuram como variáveis— está baseado nosso julgamento de valor linguístico, que fomenta nossas atitudes. O levantamento dos dados empíricos pode contribuir para uma ampliação das identidades linguísticas regionais, subsidiando a construção de personas regionais pela indústria midiática, que tem sido, reiteradamente, lugar de propagação e manutenção de estereótipos linguístico-identitários.

**5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.** Uma definição mais detalhada do é o “Português Brasileiro”, mostrando não só evidências do ponto de vista gramatical, no que se difere o falar do sulista em relação ao do nordestino, ainda é pauta na agenda sociolinguística do Brasil.

Ao ampliar as investigações para além do nível descritivo da Sociolinguística Variacionista e da Geolinguística, adentrando nos domínios da maneira pela qual as atitudes e os julgamentos linguísticos afetam o processo de constituição da identidade pela língua e pelo discurso, podemos contribuir para ações de planejamento linguístico de conscientização e respeito, bem como para as propostas de ensino português como língua materna ou como língua para estrangeiros, na medida que propicia o contato com valores associados à língua.

## BIBLIOGRAFIA

- Aguilera, Vandeci. de A. 2008. "Crenças e atitudes lingüísticas: Quem fala a língua brasileira" Em *Português brasileiro II: Contato lingüístico, heterogeneidade e história*, 311-333. Rio de Janeiro: 7 Letras.
- Araujo, Andréia Silva, Kelly Carine dos Santos e Raquel Meister Ko. Freitag. 2014. "Redes sociais, variação linguística e polidez: Procedimentos de coleta de dados". Em *Metodologia de coleta e manipulação de dados em sociolinguística*, editado por Raquel Meister Ko. Freitag, 99-116. São Paulo: Blucher.
- Arduin, Joana. 2005. "A variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular teu/seu na Região Sul do Brasil". Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina.
- Arruda, Angela, Luana Pedrosa Vital Gonçalves e Sara Costa Cabral Mululo. 2008. "Viajando com jovens universitários pelas diversas brasileiras: Representações sociais e estereótipos". *Psicologia em Estudo* 13: 503-511.
- Botassini, Jacqueline Ortelan Maia. 2009. "Crenças e atitudes linguísticas quanto ao uso de róticos". *Signum: Estudos da Linguagem* 12: 85-102.
- Bucholtz, Mary, Nancy Bermudez, Victor Fung, Lisa Edwards e Rosalva Vargaset. 2007. "Hella nor cal or totally so cal?: The perceptual dialectology of California". *Journal of English Linguistics* 35: 325-352.
- Callou, Dinah. 2009. "Um perfil da fala carioca". Em *Dos sons às palavras: Nas trilhas da língua portuguesa*, editado por Silvana Ribeiro, Sônia Costa e Suzana Cardoso, 131-152. Salvador: Editora da UFBA.
- Cardoso, Denise Porto. 2015. *Atitudes linguísticas e avaliações subjetivas de alguns dialetos brasileiros*. São Paulo: Blucher.
- Collischonn, Gisela e Valeria Monaretto. 2012. "Banco de dados VARSUL: A relevância de suas características e a abrangência de seus resultados". *Alfa: Revista de Linguística* 56: 835-853.
- Conde, Gustavo. 2007. "Pragmática para o discurso humorístico: O caso das piadas de mineiros". *Letras & Letras* 22, 173-195.
- Dal Mago, Diane. 2001. "Quer dizer: Percurso de mudança via gramaticalização e discursivização". Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina.
- Eckert, Penelope. 2012. "Three waves of variation study: The emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation". *Annual Review of Anthropology* 41: 87-100.
- Freitag, Raquel Meister Ko. 2008. "Marcadores discursivos interacionais na fala de Itabaiana/SE". *Revista do GELNE* 10: 21-32.

- . 2011. "Aspecto inerente e passado imperfeito no português: atuação dos princípios da persistência e da marcação". *Alfa: Revista de Linguística* 55: 477-500.
- . 2013. "Banco de dados falares sergipanos". *Working Papers em Linguística* 14: 156-164.
- . 2014. "Dissecando a entrevista sociolinguística: estilo, sequência discursiva e tópico". Em *Varição estilística: Reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*, editado por Edair Maria Görski, Izete Lehmkuhl Coelho e Christiane Maria Nunes de Souza, 125-141. Florianópolis: Insular.
- . 2015. "Socio-stylistic aspects of linguistic variation: Schooling and monitoring effects". *Acta Scientiarum: Language and Culture* 37: 127-136.
- Freitag, Raquel Meister Ko., Marco Antonio Martins e Maria Alice Tavares. 2012. "Bancos de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações". *Alfa* 56.3: 917-944.
- Freitag, Raquel Meister Ko. e Cristine Görski Severo. 2015. *Mulheres, linguagem e poder: Estudos de gênero na sociolinguística brasileira*. São Paulo: Blucher.
- Görski, Edair Maria e Izete Lehmkuhl Coelho. 2010. "Variação linguística e ensino de gramática". *Working Papers em Linguística* 10: 73-91.
- Görski, Edair Maria e Raquel Meister Ko. Freitag. 2013. "O papel da sociolinguística na formação dos professores de língua portuguesa como língua materna". Em *Contribuições da sociolinguística e da linguística histórica para o ensino de língua portuguesa*, editado por Marco Antonio Martins e Maria Alice Tavares, 11-51. Natal: Editora da UFRN.
- Goslin, Priscila. 2008. *How to be a Carioca: The alternative guide for the tourist in Rio*. New York: Morgan James Publishing.
- Kaufmann, Gus. 2011. "Atitudes na sociolinguística: Aspectos teóricos e metodológicos". Em *Os contatos linguísticos do Brasil*, 187-216. Belo Horizonte: Editora da UFMG.
- Labov, William. 1972. *Sociolinguistics patterns*. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press.
- . 2001. *Principles of linguistic change: Social factors*. Oxford: Blackwell.
- Martins, Ladigenia Teresa. 2003. "Bom e bem e suas multifunções na fala da região sul do Brasil". Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina.
- Mendes, Regina Maria Gonçalves. 2009. "A haplologia no português de Belo Horizonte". Tese de doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais.
- Menezes, Adriana. 2005. "Mito ou identidade cultural da preguiça". *Ciência e Cultura* 57: 9-10.
- Oliveira, Alan Jardel. 2012. "'Comendo o final das palavras': Análise variacionista da haplologia, elisão e apócope em Itaúna/MG". Tese de doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais.
- Paredes-Silva, Vera Lúcia. 2003. "O retorno do pronome tu à fala carioca". Em *Português brasileiro: Contato linguístico, heterogeneidade e história*, 160-169. Rio de Janeiro: 7 Letras.
- Possenti, Sirio. 1998. *Os humores da língua*. Campinas: Mercado de Letras.
- Preston, Dennis e Daniel Long. 1999. *Handbook of perceptual dialectology*. Vol. 1. Amsterdam: John Benjamins.
- . 2002. *Handbook of perceptual dialectology*. Vol. 2. Amsterdam: John Benjamins.
- Reis, Liana Maria. 2012. "Mineiridade: identidade regional e ideologia". *Cadernos de História* 9, 89-98.
- Roncarati, Cláudia e Jussara Abraçado. 2003. *Português brasileiro: Contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras.
- . 2008. *Português brasileiro II: Contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras.

- Rosa, Renan Silveiro. 2014. "A comunidade de fala de Porto Alegre no estudo da variação linguística: Identificando subcomunidades". Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Rost-Snichelotto, Claudia Andrea. 2009. "Olha e vê: caminhos que se entrecruzam". Tese de doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina.
- Schwarzc, Lilia Moritz. 1995. "Complexo de Zé Carioca: Notas sobre uma identidade mestiça e malandra". *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 29: 49-63.
- Severo, Cristine Görski. 2004. "Manezês e manezinho: Mutação da fala e da identidade". *Estudos Linguísticos* 33: 841-846.
- . 2007. "A questão da identidade e o lócus da varia o/mudança em diferentes abordagens sociolinguísticas". *Letra Magna* 4: 1-15.
- . 2011. "Entre a sociolinguística e os estudos discursivos: O problema da avalia o". *Interdisciplinar: Revista de Estudos em Língua e Literatura* 14: 7-15.
- . 2013. "Política(s) linguística(s) e questões de poder". *Alfa: Revista de Linguística* 2: 451-473.
- . 2015. "A açucarada língua portuguesa: Lusotropicalismo e lusofonia no século XXI". *Revista Brasileira de Linguística Aplicada* 15: 85-107.
- Silva, Camilo Rosa e José Carlos de Lima Santos. 2015. "Perguntas retóricas: Entre a gramaticaliza o e a discursiviza o". *Veredas* 19: 248-268.
- Silva, W. B. S. 2013. "Um olhar sociofuncionalista sobre o uso dos conectores sequenciadores *E* e *Aí* produzidos em narrativas de experiência pessoal e contos escritos por alunos do ensino fundamental". Disserta o de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- Tavares, Maria Alice. 2003. "A gramaticaliza o de *E*, *A *, *DAÍ* e *ENTÃO*: estratifica o/varia o e mudança no domínio funcional da sequencia o retroativo-propulsora de informa es: Um estudo sociofuncionalista". Tese de doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina.
- . 2008. "Conectores coordenativos: condicionamentos sociais em duas comunidades de fala brasileira". *Linguística* 4: 19-37.
- Vandresen, Paulino. 2005. "O Banco de Dados VARSUL: do sonho   realidade". Em *Estudos de varia o linguística no Brasil e no Cone Sul*, editado por Ana Maria S. Zilles, 145-150. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- Weinreich, Uriel, William Labov e Marvin Herzog. 1968. *Empirical foundations for a theory of language change*. Austin: University of Texas Press.
- Wiedemer, Marcos. 2008. "A regência variável do verbo ir de movimento na fala de Santa Catarina". Disserta o de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina.
- Zilles, Ana Maria Stahl e Carlos Alberto Faraco. 2006. "As tarefas da sociolinguística no Brasil: balanços e perspectivas". Em *Sociolinguística e ensino: Contribui es para a forma o do professor de língua*, editado por Edair Gorski e Izete Lehmkuhl Coelho, 23-52. Florianópolis: Editora da UFSC.

**Raquel Meister Ko. Freitag**

Universidade Federal de Sergipe

[rkofreitag@uol.com.br](mailto:rkofreitag@uol.com.br)**Cláudia Andrea Rost-Snichelotto**

Universidade Federal da Fronteira Sul

[claudiarost@uffs.edu.br](mailto:claudiarost@uffs.edu.br)**Cristine G rski Severo**

Universidade Federal de Santa Catarina

[crisgorski@gmail.com](mailto:crisgorski@gmail.com)**Maria Alice Tavares**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

[aliceflp@hotmail.com](mailto:aliceflp@hotmail.com)

Trabajo recibido el 31 de agosto de 2015 y aprobado el 4 de noviembre de 2015.